

A Bienal de São Paulo recebeu ontem a carta de protesto de 117 artistas brasileiros (entre eles, Volpi). A Diretoria reiterou sua "confiança nos artistas".

Bienal recebe protesto, e lava as mãos

Esta é a carta-manifesto dos artistas

A Fundação Bienal de São Paulo recebeu ontem a carta de protesto dos artistas brasileiros contra o artigo escrito pelo crítico de arte Olney Kruse no catálogo oficial da XIII Bienal Internacional, realizada no ano passado. A carta foi entregue pelos artistas Lothar Charoux e Ubi Bava, às 15h50: na portaria da Bienal, no Parque Ibirapuera.

Era o momento crítico de um alvoroço que começara no fim de janeiro, com a publicação — atrasada — do catálogo oficial. Numerosos artistas protestavam contra o artigo de apresentação das salas brasileiras, denunciando o arremedo que se faz no Brasil da arte estrangeira. E acusavam a Bienal de permitir sua publicação no catálogo, avaliar a opinião do crítico.

Cento e dezessete artistas plásticos assinam a carta-manifesto dirigida à Fundação Bienal de São Paulo. Foram assinaturas colhidas no Rio de Janeiro e em São Paulo, depois da publicação do catálogo oficial da XIII Bienal de São Paulo.

O TEXTO

Este é o texto da carta de protesto de 117 artistas entregue ontem à diretoria da Fundação Bienal de São Paulo:

"Prezados senhores: "Os artistas abaixo assinados vêm manifestar seu protesto contra os termos com que foi lavrado o prefácio do catálogo da XIII Bienal de São Paulo (páginas 55 e 56), que pretende apresentar e comentar as manifestações passadas e contemporâneas das artes plásticas no Brasil.

"A esquizofrenia da argumentação, a incoerência das noções enunciadas e o deficiente e apressado balanço histórico da trajetória de nossa produção estética, prestam um invulgar desserviço à informação pública, nacional e estrangeira.

"Além de evidenciar a imperícia de seu autor para lidar com tal matéria, esse texto, que não passa de um conjunto de anotações pilhéricas e desrespeitosas, compromete a imagem da Bienal de São Paulo diante dos artistas, do público em geral, e das entidades particulares e governamentais, que lhe prestam prestígio e lhe facultam a sobrevivência.

"É lamentável que essa instituição tenha autorizado e avalizado tamanha insolência aos autores do acervo artístico deste País. E é incompreensível. Pois o texto, advogando um vago e estranho sectarismo artístico, agride o próprio espírito de livre expressão da Bienal de São Paulo.

"Ao registrarmos nosso pasmo e nossa indignação, lançamos um alerta contra tais irresponsabilidades que somente contribuem para desencorajar a colaboração e o apoio que a Bienal de São Paulo tem angariado em nosso meio".

AS ASSINATURAS

Junto estão duas notas de apoio ao protesto de São Paulo e pelo Clube dos Arquitetos do Brasil — Departamento de São Paulo e pelo Clube dos Artistas e Amigos da Arte de São Paulo, nos seguintes termos:

"O Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento de São Paulo, dá seu apoio ao protesto dos artistas brasileiros dirigido à Diretoria da Fundação Bienal de São Paulo (páginas 55 e 56)".

"A Diretoria do X Clube dos Artistas e Amigos da Arte de São Paulo, na pessoa de seu presidente, abaixo assinado, vem por meio desta dar seu apoio ao protesto dos artistas brasileiros, dirigido à Diretoria da Fundação Bienal de São Paulo, contra os termos do prefácio do catálogo da XIII Bienal de São Paulo (páginas 55 e 56)".

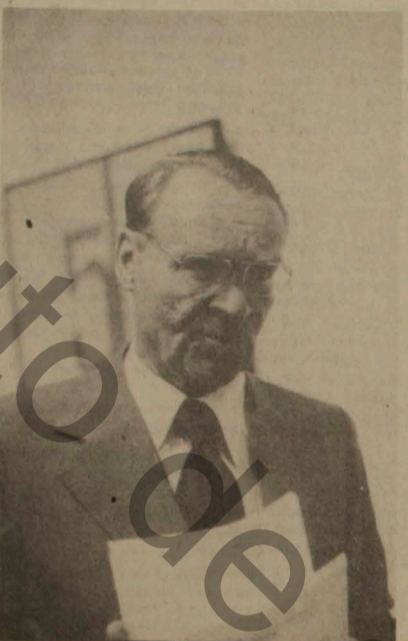
Além das notas destas duas entidades, solidarizaram-se ao protesto o Instituto dos Arquitetos do Brasil — Departamento do Rio de Janeiro, a presidente da Associação Internacional dos Artistas Plásticos no Brasil — Lucília de Toledo Mezzótero, o Núcleo dos Gravadores de São Paulo (Nugrap) e oito arquitetos do Rio de Janeiro (Benjamin de Araújo Carvalho, Maurício Roberto, Marcio Roberto, Ricardo Batalha Menescal, Renato Menescal, Ulysses Burlamaqui, Alexandre Chan e Luis Paulo Conde).

Os artistas que assinam a carta:

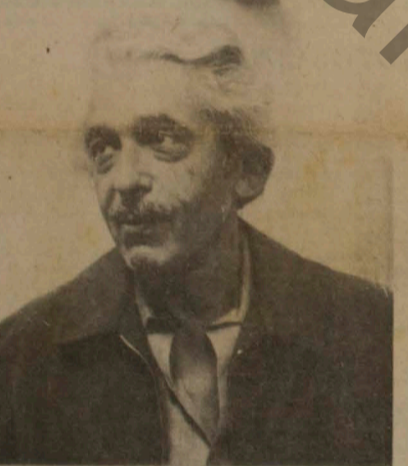
- 1 — Abelardo Zaltuar
- 2 — Aldemir Martins
- 3 — Aldir Mendes de Souza
- 4 — Agi Straus
- 5 — Alfredo Ceschiatti
- 6 — Alfredo Volpi
- 7 — Alice Brill
- 8 — Alvaro Cotrim (Alvarus)
- 9 — Amélia Toledo
- 10 — Anatol Wladislaw
- 11 — Arcangelo Ianelli
- 12 — Arnaldo Barbosa
- 13 — Bustamante Sá
- 14 — Caetano Fracaroli
- 15 — Calabrone
- 16 — Carlos Magano
- 17 — Carlos Scliar
- 18 — Carmela Gross
- 19 — Charoux
- 20 — Cildo Meirelles
- 21 — Cléber Machado
- 22 — Danilo di Preti
- 23 — Darcy Penteado
- 24 — Dirce Pires
- 25 — Douchez
- 26 — Duda Santos
- 27 — Edith Behring
- 28 — Emanuel Araújo
- 29 — Emi Mori
- 30 — Ernani Mendes de Vasconcelos
- 31 — F. Rebozo Gonzalez
- 32 — Farnese de Andrade
- 33 — Felícia Leirner
- 34 — Ferenc Kiss
- 35 — Fernando Lemos
- 36 — Frank Schaeffer
- 37 — Franz Weissmann
- 38 — Fulvio Pennacchi
- 39 — Gastão Manoel Henrique
- 40 — Gerda Bretani
- 41 — Gilberto Salvador
- 42 — Giselda Leirner
- 43 — Glauco Pinto de Moares
- 44 — Gregório Gruber
- 45 — Henrique Macedo
- 46 — Henrique Boese
- 47 — Hermelindo Flaminghi

À tarde na Bienal

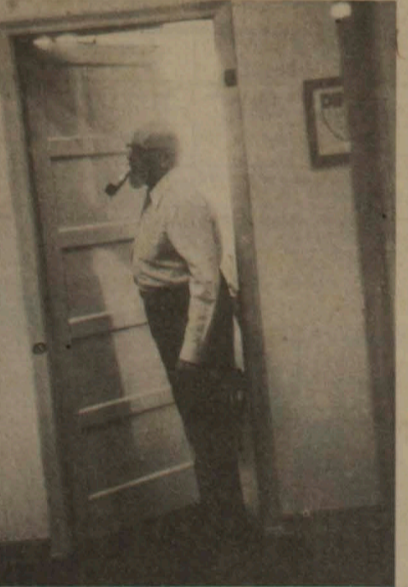
Artes Plásticas Nelson Merlin



Oscar Landmann, presidente em exercício.



Romeu Mindlin, diretor cultural.



Luiz Rodrigues Alves, vice-presidente.

Lothar Charoux e Ubi Bava acabam de entregar a carta de protesto de 117 artistas brasileiros à diretoria da Fundação Bienal de São Paulo. Uma entrega protocolar, que se efetuou na portaria do pavilhão da Bienal, no Parque Ibirapuera. Eles estão saindo da Bienal quando chega o presidente da Fundação, Oscar Landmann, sorridente e aparentemente tranquilo. Os dois artistas também sorriem e estão tranquilos. No primeiro andar pavilhão, os demais membros da diretoria esperam o presidente, também sorridentes e tranquilos.

Nada indicava a gravidade do momento. Bava e Charoux explicam a um jornalista por que apenas dois artistas levavam a carta à Bienal: "Nosso movimento não tem caráter pessoal. É um movimento amplo, nacional. Entregamos a carta, com mensagens do movimento, ao protocolo da Bienal".

Oscar Landmann não os vê, e sobe ao primeiro andar acompanhado por dois jornalistas. Promete informações para mais tarde, e adianta que uma reunião da diretoria, marcada para as 17 horas, talvez não se realize. Um membro da diretoria estaria doente. No primeiro andar, Romeu Mindlin, diretor cultural da Fundação Bienal, informou aos jornalistas presentes que a reunião será realizada e, em seguida, a imprensa receberá um comunicado oficial.

Chega Francisco Matarazzo Sobrinho, acompanhado por um secretário particular, seu porta-voz, que faz logo um esclarecimento: "O senhor Cicello está aqui como presidente da comissão central da Bienal Internacional do Livro, para tratar da próxima Bienal do Livro". Matarazzo Sobrinho, ouve, sorri, cumprimenta os jornalistas. Ele também está tranquilo. Seu porta-voz tem o cuidado de não mencionar o outro cargo de Matarazzo Sobrinho: presidente honorífico da Fundação Bienal de São Paulo. Assim, fica justificada sua presença apenas para tratar da Bienal do Livro, quando o assunto sem dúvida mais importante é a carta de protesto dos artistas.

Romeu Mindlin complementa o esclarecimento: "Queremos por um ponto final nesta questão. Esquecer o assunto. Aliás, já é um assunto superado". Superado antes mesmo da reunião? — pergunta um jornalista. Romeu Mindlin não responde. Pede que a imprensa espere.

Na sala n.º 2 da diretoria encontram-se, além de Matarazzo Sobrinho, Romeu Mindlin e Oscar Landmann, o vice-presidente da Fundação, Luiz Rodrigues Alves, o superintendente Paulo Nathanael e outros membros da Fundação que não aparecem. Nenhum faz declarações.

As 17h20, a diretoria da Bienal começa sua reunião. Pouco menos de uma hora depois, Oscar Landmann sai da sala e entrega aos jornalistas o comunicado pedindo que "seja publicado nos jornais". Sempre sorrindo e solícito. Mas se nega a fazer qualquer comentário. "Está tudo aí no papel, nada mais". E desaparece novamente na pequena sala.

A NOTA DA BIENAL

O comunicado: "A Fundação Bienal de S. Paulo, tendo em vista os termos do manifesto que um grupo de artistas plásticos subscreve, nesta data, em protesto contra os termos da Apresentação da Parte Nacional, que foi publicada no Catálogo da XIII Bienal Internacional, realizada em 1975, comunica:

1 — Que não encampa as opiniões emitidas pelo autor da Apresentação que, como crítico filiado à Associação Brasileira de Críticos de Arte, é por elas o único responsável;

2 — Que, apesar (sic) de não concordar com o teor da Apresentação, não se sente no direito de censurar matéria assinada por especialista no setor;

3 — Que todos quantos discordarem dos pontos de vista exarados pelo autor da Apresentação têm o direito de protestar, mas devem fazê-lo diretamente ao responsável, que no caso é o signatário da referida Apresentação;

4 — Que, no que lhe diz respeito, aproveita a Fundação para reiterar a confiança e a consideração que sempre devotou aos artistas brasileiros e para considerar definitivamente encerrada a questão".

Logo abaixo, a data e as palavras "A Diretoria" e "O Superintendente".

NO CATÁLOGO

No entanto, a questão não está encerrada. O comunicado não menciona que o crítico (Olney Kruse) é membro do Conselho de Arte da Fundação Bienal de São Paulo. Que o artigo lhe foi pedido pela Bienal (através do superintendente Paulo Nathanael Pereira de Souza). Que o artigo foi lido, antes de ser publicado, pelo superintendente da Bienal, que recomendou alguns cortes ao crítico (e os cortes foram aceitos pelo crítico). E que, última e mais notável evidência, o artigo foi publicado em veículo oficial da Fundação.

A Bienal se exime de qualquer responsabilidade pelo seu catálogo? — pergunta um jornalista a Oscar Landmann. Não há resposta. "Como é possível que a diretoria da Bienal não o tenha lido antes?". Não há resposta. (Na se-

curso anterior, comunicou ao sr. Juscelino Kubitschek a impossibilidade de atender à sua solicitação, porque não é o autor que se candidata, mas sim a obra publicada, indicada, no mínimo, por dez associados da UBE.

E a seguinte a carta enviada pelo sr. Juscelino Kubitschek ao presidente da UBE:

"Acostumado à generosidade de meus patrícios, constato-a mais uma vez, confirmada no pleito para a escolha do Intelectual do Ano de 1975, iniciativa da União Brasileira de Escritores e da Folha de S. Paulo.

A circunstância de aparecer ao lado de algumas das mais altas figuras das letras nacionais já é para mim um prêmio. Mas não fica nessa indicação — que não pleiteei nem poderia pleitear — a deferência dos escritores nesta hora do meu destino.

Estou sendo informado neste momento de que, desde o início das apurações, o meu nome figura em primeiro lugar, o que significa, para minha simplicidade, um dobrado o seqüio muito acima do que eu poderia almejar.

Refleti demoradamente sobre estes dois fatos: a espontânea lembrança do meu nome que levo em conta da publicação de meus dois livros de memória e a surpreendente votação com que estou sendo distinguido. Considero-me duplamente premiado. São honrarias que me elevam e me engrandecem.

Agora venho pedir-lhe outra fineza. Não desejo prosseguir na caminhada que já me foi dado com grande honra

para mim, me basta. Assim sendo, quero merecer de sua gentileza que retire meu nome da desvanecedora competição. É uma homenagem que rendo aos meus ilustres companheiros.

Quanto a mim, pelas razões expostas, já me dou por satisfeito. Em vez da honra eventual de ser apiaudido quero ter a alegria de aplaudir".

Ofício do sr. Raimundo de Menezes, presidente da UBE, ao sr. Juscelino Kubitschek:

"Acusamos o recebimento de sua carta de hoje datada. Em face do seu objeto, submetemo-la à apreciação da Diretoria da UBE.

Examinada a manifestação de sua vontade de não concorrer ao concurso "O Intelectual do Ano" — Troféu JUCA

PATO —, reportou-se a Diretoria a situação semelhante, quando o ilustre escritor Josué Montello pretendeu a exclusão do seu nome do concurso, em face da indicação, para a laureia, do saudoso escritor Fernando de Azevedo.

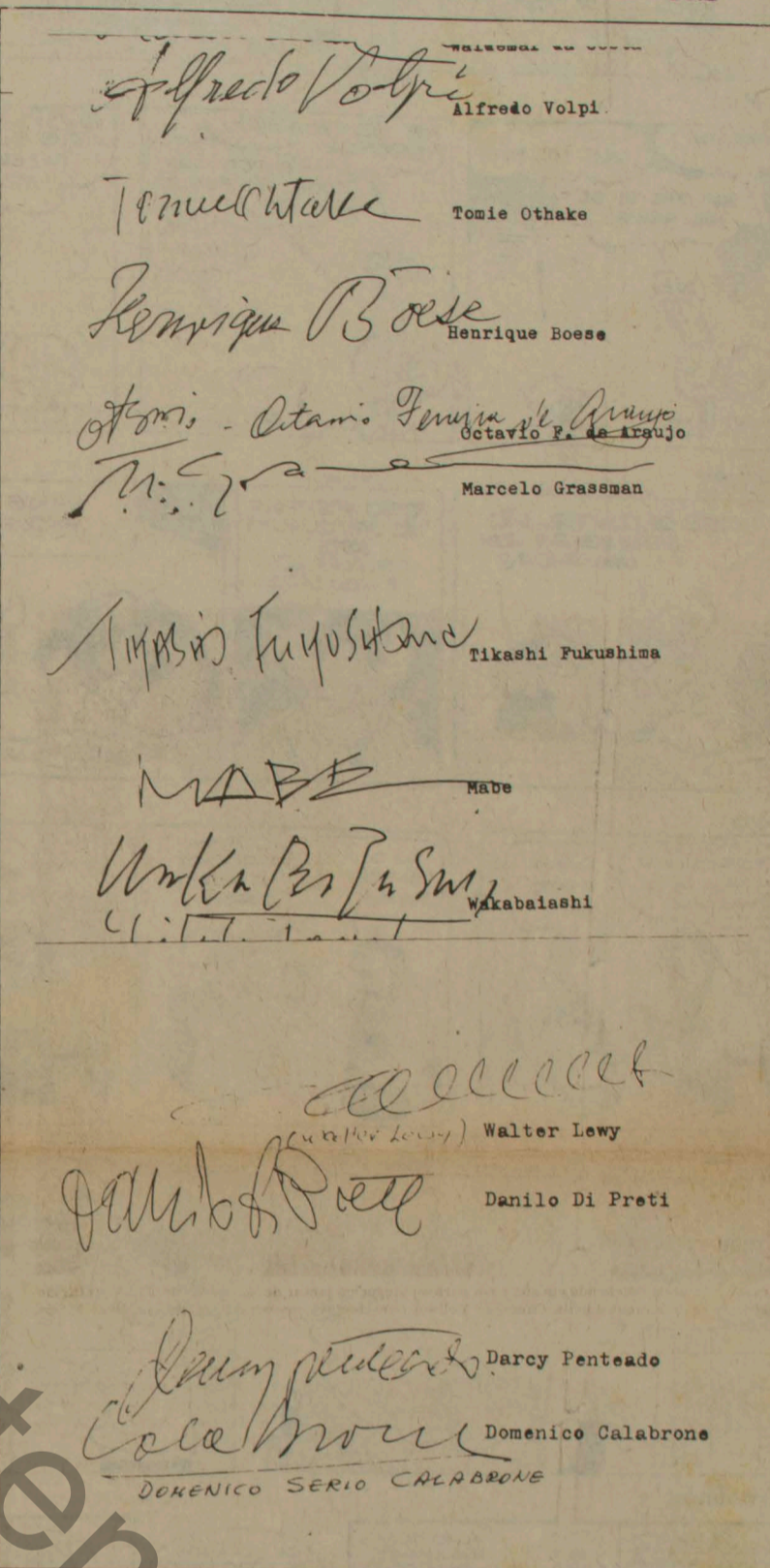
Naquela oportunidade, como na atual, concluiu a Diretoria da UBE:

"No concurso para a escolha de "O Intelectual do Ano", da mesma forma que no Prêmio Nobel, não é o autor que se candidata, mas a obra publicada no ano que o credencia ao título, na indicação preliminar de dez (10) associados da União Brasileira de Escritores (UBE) e consagração posterior da Intelectualidade votante. Como pode alguém renunciar a algo que não pleiteou?

Por ser o reconhecimento do valor da

obra do autor, o título de "Intelectual do Ano" pode ser conferido até mesmo contra a vontade do laureado. E sequer pode a diretoria da UBE, mesmo por vontade do escritor, excluir seu nome da votação, porque o regulamento do concurso não fixa como condição a aquiescência do autor, nem a autoriza a negar ou cancelar inscrição de nome indicado por dez (10) associados. Somente esses associados é que poderiam desistir da indicação, o que não ocorre no caso".

Assim, compreendendo embora a fidalguia do seu gesto, vê-se a Diretoria da entidade impossibilitada de atender à sua solicitação, permanecendo o seu nome, ainda que contra sua vontade, incluído entre aqueles submetidos à apreciação do corpo eleitoral do concurso".



Fac-símile da carta entregue ontem à Bienal de São Paulo. Algumas das assinaturas mais importantes do manifesto dos artistas ontem entregue à Bienal.

- 48 — Izid Thame
- 49 — Iberê Camargo
- 50 — Inge Roesler
- 51 — Ionaldo Cavalcanti
- 52 — Italo Cencillo
- 53 — Ivan Freitas
- 54 — Izar do Amaral Berlink
- 55 — João Carrogini Quaglia
- 56 — Joaquim Tenreiro
- 57 — José Antonio da Silva
- 58 — Juarez Magno
- 59 — Julio Plaza
- 60 — Julio Vieira
- 61 — Karoly Pichler
- 62 — Lucília Mezzótero
- 63 — Luiz d'Horta
- 64 — Mabe
- 65 — Marcelo Grassmann
- 66 — Marcelo Nitsche
- 67 — Marcos Conclio
- 68 — Maria Inez Cleman
- 69 — Maria Lúcia Luz
- 70 — Maria Leontina
- 71 — Marília Kranz
- 72 — Martha Pires Ferreira
- 73 — Mario Campello
- 74 — Mario Gruber
- 75 — Massuo Nakakubo
- 76 — Maurício Nogueira Lima
- 77 — Megume Yuasa
- 78 — Milton da Costa
- 79 — Nelly Pedross Toledo
- 80 — Nelson Leirner
- 81 — Nicolas Vlavianos
- 82 — Norberto Nicola
- 83 — Odetto Guersoni
- 84 — Octavio Araujo
- 85 — Paulo Chaves
- 86 — Paulo Roberto Leal
- 87 — Pedro Tort
- 88 — Rachel Vaz de Arruda
- 89 — Regina Silveira
- 90 — Remy Goleman
- 91 — Renina Katz
- 92 — Roberto Magalhães
- 93 — Rogério Malinski
- 94 — Rôni Brandão
- 95 — Rossini Perez
- 96 — Rubens Gerchman
- 97 — Sibilla Oppenheim
- 98 — Sonia von Brusky
- 99 — Tancredote Araujo
- 100 — Tereza Miranda
- 101 — Tikashi Fukushima
- 102 — Tomie Othake
- 103 — Tomohige Kusuno
- 104 — Tunesu
- 105 — Ubi Bava
- 106 — Ubirajara Ribeiro
- 107 — Valdir Sarubi
- 108 — Vasco Prado
- 109 — Vinício Horta
- 110 — Wakabayashi
- 111 — Walter Levy
- 112 — Waldemar da Costa
- 113 — Waldir Joaquim de Mattos
- 114 — Wanda Pimentel
- 115 — Yolanda Mohalyi
- 116 — Yutaka Toyota
- 117 — Zoravia Bettiol

Juscelino não pode desistir

O sr. Juscelino Kubitschek enviou ontem carta ao sr. Raimundo de Menezes, presidente da União Brasileira de Escritores, desistindo de concorrer ao concurso "O Intelectual do Ano". Troféu Juca Pato — de 1975, o qual está liderando na votação. Reunida ontem mesmo, a diretoria da UBE, reportando-se a situação semelhante em con-

curso anterior, comunicou ao sr. Juscelino Kubitschek a impossibilidade de atender à sua solicitação, porque não é o autor que se candidata, mas sim a obra publicada, indicada, no mínimo, por dez associados da UBE.

E a seguinte a carta enviada pelo sr. Juscelino Kubitschek ao presidente da UBE:

"Acostumado à generosidade de meus patrícios, constato-a mais uma vez, confirmada no pleito para a escolha do Intelectual do Ano de 1975, iniciativa da União Brasileira de Escritores e da Folha de S. Paulo.

A circunstância de aparecer ao lado de algumas das mais altas figuras das letras nacionais já é para mim um prêmio. Mas não fica nessa indicação — que não pleiteei nem poderia pleitear — a deferência dos escritores nesta hora do meu destino.

Estou sendo informado neste momento de que, desde o início das apurações, o meu nome figura em primeiro lugar, o que significa, para minha simplicidade, um dobrado o seqüio muito acima do que eu poderia almejar.

Refleti demoradamente sobre estes dois fatos: a espontânea lembrança do meu nome que levo em conta da publicação de meus dois livros de memória e a surpreendente votação com que estou sendo distinguido. Considero-me duplamente premiado. São honrarias que me elevam e me engrandecem.

Agora venho pedir-lhe outra fineza. Não desejo prosseguir na caminhada que já me foi dado com grande honra

para mim, me basta. Assim sendo, quero merecer de sua gentileza que retire meu nome da desvanecedora competição. É uma homenagem que rendo aos meus ilustres companheiros.

Quanto a mim, pelas razões expostas, já me dou por satisfeito. Em vez da honra eventual de ser apiaudido quero ter a alegria de aplaudir".

Ofício do sr. Raimundo de Menezes, presidente da UBE, ao sr. Juscelino Kubitschek:

"Acusamos o recebimento de sua carta de hoje datada. Em face do seu objeto, submetemo-la à apreciação da Diretoria da UBE.

Examinada a manifestação de sua vontade de não concorrer ao concurso "O Intelectual do Ano" — Troféu JUCA

PATO —, reportou-se a Diretoria a situação semelhante, quando o ilustre escritor Josué Montello pretendeu a exclusão do seu nome do concurso, em face da indicação, para a laureia, do saudoso escritor Fernando de Azevedo.

Naquela oportunidade, como na atual, concluiu a Diretoria da UBE:

"No concurso para a escolha de "O Intelectual do Ano", da mesma forma que no Prêmio Nobel, não é o autor que se candidata, mas a obra publicada no ano que o credencia ao título, na indicação preliminar de dez (10) associados da União Brasileira de Escritores (UBE) e consagração posterior da Intelectualidade votante. Como pode alguém renunciar a algo que não pleiteou?

Por ser o reconhecimento do valor da

obra do autor, o título de "Intelectual do Ano" pode ser conferido até mesmo contra a vontade do laureado. E sequer pode a diretoria da UBE, mesmo por vontade do escritor, excluir seu nome da votação, porque o regulamento do concurso não fixa como condição a aquiescência do autor, nem a autoriza a negar ou cancelar inscrição de nome indicado por dez (10) associados. Somente esses associados é que poderiam desistir da indicação, o que não ocorre no caso".

Assim, compreendendo embora a fidalguia do seu gesto, vê-se a Diretoria da entidade impossibilitada de atender à sua solicitação, permanecendo o seu nome, ainda que contra sua vontade, incluído entre aqueles submetidos à apreciação do corpo eleitoral do concurso".